

Secretário dos EUA diz a Lula que não há genocídio em Gaza



O secretário de Estado americano, Antony Blinken, é recebido pelo presidente Lula no Planalto. Gabriela Biló/Folhapress

Em encontro com Lula, Blinken diz que não há genocídio em Gaza

Chefe da diplomacia dos EUA relata história de padraço no Holocausto em meio a crise Brasil-Israel

Marianna Holanda

BRASÍLIA O chefe da diplomacia dos Estados Unidos, Antony Blinken, afirmou ao presidente Lula (PT) nesta quarta (21) que os EUA discordam das acusações que apontam Israel como autor de um genocídio na Faixa de Gaza.

Dias depois de Lula ter comparado a ação israelense ao Holocausto nazista, o secretário de Estado americano aproveitou a reunião com o presidente para dar um depoimento de cunho pessoal: segundo relatos, mencionou a Lula a história de seu padraço, Samuel Pízar, sobrevivente de campos de concentração nazista.

Blinken chegou ao Palácio do Planalto na manhã desta quarta. A reunião ocorreu ainda sob a repercussão das declarações de Lula no domingo (18), na Etiópia. A comparação da ofensiva militar de Tel Aviv em Gaza ao extermínio de judeus na Segunda Guerra Mundial desencadeou uma crise diplomática com o governo de Benjamin Netanyahu, fez Lula ser declarado persona non grata em Israel, gerou críticas da comunidade judaica no Brasil e deu combustível para a oposição bolsionista desgastar o governo.

Como resposta, o Itamaraty convocou o embaixador do Brasil em Tel Aviv para consultas e avalia expulsar o embaixador israelense caso a tensão se agrave.

De acordo com relatos, Blinken reafirmou a Lula a posição americana de que não há genocídio em Gaza, mas sem citar diretamente a fala do brasileiro na Etiópia. Nesse contexto, Blinken, que é judeu, abordou a história de seu padraço — Pízar, morto em 2015, era criança quando foi mandado a Auschwitz, o mais famoso dos campos de concentração.

Procurada, a embaixada dos EUA em Brasília não comentou o episódio. Também durante o encontro, Blinken defendeu a criação de um Estado da Palestina, mas ressaltou outros tópicos já públicos da diplomacia americana, entre eles a de que preocupações de segurança de Israel precisam ser consideradas.

A chamada solução de dois Estados é, historicamente, uma posição defendida pela diplomacia brasileira.

O secretário teve a oportunidade de discutir os comentários com o presidente Lula hoje, no seu encontro, no contexto da discussão ampla sobre o conflito em Gaza, e deixou claro, como eu fiz ontem [terça], que são comentários com os quais não concordamos", disse o porta-voz

Knesset rejeita reconhecimento unilateral da ANP

O Parlamento de Israel decidiu nesta quarta-feira (21) que qualquer reconhecimento unilateral do Estado palestino será rejeitado. O resultado da votação foi favorável ao posicionamento do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu, que defende que a criação de um Estado palestino não traria paz e colocaria Israel em perigo.

A decisão dos parlamentares — 99 votos favoráveis, dos 120 possíveis — aponta que qualquer eventual acordo permanente com os palestinos só pode ser alcançado por meio de negociações diretas entre as partes e não por imposições internacionais. Em resposta ao Parlamento israelense, a Autoridade Nacional Palestina emitiu um comunicado, no qual afirmou que "a adesão plena do Estado da Palestina à ONU e seu reconhecimento por outras nações não requerem a permissão de Netanyahu".

do Departamento de Estado, Matthew Miller, em entrevista coletiva em Washington. Na véspera, ele havia afirmado a posição da Casa Branca — "não acreditamos que o que tem ocorrido em Gaza seja genocídio".

Auxiliares palacianos celebraram o fato de a solução de dois Estados ter sido reforçada por Blinken na reunião com Lula, por destacar convergência com o Brasil. O encontro durou quase duas horas.

O secretário agradeceu pela atuação do Brasil pelo diálogo entre Venezuela e Guiana. O presidente Lula reafirmou seu desejo pela paz e fim dos conflitos na Ucrânia e na Faixa de Gaza. Ambos concordaram com a necessidade de criação de um Estado palestino, disse o Planalto após a reunião, em nota.

Ao final, o americano falou rapidamente com a imprensa no local. "Foi ótima a reunião. Sou muito grato ao presidente [Lula] pelo seu tempo. Os EUA e o Brasil estão fazendo coisas muito importantes juntos. Estamos trabalhando juntos bilateralmente, regionalmente, mundialmente. É uma parceria muito importante e somos gratos pela amizade", afirmou Blinken.

A diplomacia americana afirmou em um comunicado que o secretário "discutiu o empenho dos EUA em rela-

ção ao conflito em Gaza, incluindo o trabalho urgente com parceiros para facilitar a liberação de todos os reféns e para aumentar a assistência humanitária e melhorar a proteção dos civis palestinos".

Lula falou sobre o que considera desproporcionalidade na reação do governo Netanyahu, com mortes de milhares de mulheres e crianças na região, e Blinken lembrou das sanções do governo americano a colômbios judeus, coordenadores e participantes de atos ou ameaças de violência contra civis, intimidação, destruição e tomada de propriedades e participação em atividades terroristas na Cisjordânia.

De acordo com o Planalto, Lula defendeu ainda a necessidade de reformar organismos financeiros internacionais e o próprio Conselho de Segurança da ONU, "no que foi apoiado pelo seu interlocutor". Esta também foi a principal pauta do discurso do ministro Mauro Vieira (Relações Exteriores) na reunião de chanceleres do G20, no Rio de Janeiro.

O secretário americano desembarcou em Brasília na noite de terça-feira (20). Depois do encontro com Lula, seguiu para o Rio de Janeiro, onde se juntou à reunião de chanceleres do G20. Leia mais na pág. A10 de Política

Gestão petista avalia expulsar embaixador israelense se crise escalar

BRASÍLIA O governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) avalia a possibilidade de expulsar o embaixador israelense, Daniel Zonshine, o que representaria uma medida diplomática drástica, dependendo do próximo passo de Israel na escalada da crise.

A medida vem sendo tratada pela equipe de área internacional do governo como uma "carta na manga", que pode ser usada dependendo do próximo passo de Tel Aviv. Interlocutores, contudo, afirmam que a situação atual da crise ainda não exige tal medida.

A expulsão do embaixador israelense chegou a ser discutida em reunião na segunda-feira (19) no Palácio da Alvorada, entre Lula, o ministro Paulo Pimenta (Secom) e o assessor internacional da Presidência para assuntos internacionais, Celso Amorim.

No entanto, interlocutores do governo afirmam que o Brasil não pretende escalar a crise. E acrescentam que a intenção de não elevar o nível de tensão já foi inclusive transmitida ao governo israelense.

Por outro lado, um interlocutor no Ministério das Relações Exteriores ponderou que a situação "não depende de um lado só" e afirmou que "em uma crise nada se descarta", embora não seja a intenção do governo brasileiro tomar uma medida no sentido de uma ruptura de relações.

Em aparente tentativa de diminuir a temperatura das relações, Zonshine disse que tanto as autoridades do Brasil quanto as de Israel precisam "escolher as palavras com mais cautela". Em entrevista a Thais Bilenky, colunista do UOL, o embaixador também afirmou que a fala de Lula foi problemática, mas não pode inviabilizar a relação entre os dois países.

Não quis comentar, porém, a quebra de protocolo da diplomacia israelense ao reprender publicamente o embaixador brasileiro e esquivou-se ao ser questionado sobre a publicação feita por uma página da chancelaria chamando Lula de "negacionista do Holocausto". "Não fui eu que coloquei isso lá", afirmou Zonshine.

Brasil e Israel vêm intercambiando medidas diplomáticas desde a fala polêmica de Lula no domingo (18). "Sabe, o que está acontecendo na Faixa de Gaza com o povo palestino, não existe em nenhum outro momento histórico. Aliás, existiu quando Hitler resolveu matar os judeus", afirmou Lula na Etiópia. Renato Machado e MH

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mundo Caderno: A Pagina: 13